

A CRÔNICA de Rubem Braga

CHILE E ARGENTINA

NUNCA estive em nenhum país em que a simpatia pelo Brasil fôsse tão grande como no Chile. Somos vizinhos, mas não de paredes-meias, e isso talvez tenha ajudado; pelo menos assim não temos a lembrança de questões e atritos sempre fáceis de acontecer entre vizinhos pegados. É possível também lembrar que em certos momentos da História, a presença do Brasil no Continente tenha valido aos chilenos como um fator de equilíbrio; o fato é que qualquer brasileiro sente, no espinhado país do Pacífico, uma curiosidade carinhosa pelas nossas coisas e pela nossa gente.

O país amigo está vivendo horas aflitas e dolorosas, com os desastros dos terremotos e maremotos. Foi noticiado que o Presidente Juscelino já telegrafou sua solidariedade e deu ordens para que ela fôsse efetiva através do envio de socorros. Creio que o Instituto do Café e o Instituto do Mate deveriam também mobilizar-se rapidamente para levar, às populações pobres do Sul do Chile, onde o frio a esta altura já é intenso e o desabrigo das populações o faz mais doloroso, o conforto de uma larga distribuição de nossos dois produtos. O Chile é deles um consumidor pequeno, mas constante. Seria talvez exequível fazer seguir êsses produtos de Buenos Aires, por terra, para maior rapidez; reporíamos depois o que ficasse faltando nos estoques argentinos. Aqui fica a nossa lembrança.

Da Argentina já não seria possível dizer o mesmo que acima dissemos do Chile; com ela tivemos muitas questões, que herdamos de Portugal e Espanha. Êsse tempo, entretanto, já passou, e não creio que seja feio reconhecer que dele ficou, nos dois povos, um certo sentimento de rivalidade e competição, mais do que natural. Há muito, porém, os estadistas das duas maiores repúblicas da América do Sul compreenderam e sentiram que o interesse mútuo está em uma cooperação cada vez mais estreita. E os atuais chefes das duas nações têm entendido isso de maneira perfeita.

Visitei várias vezes a Argentina, e no meu trabalho de repórter tive com sua gente contatos mais variados e menos superficiais que os de um turista comum. Acho que a longo prazo as tolices megalomaniacas de Perón fizeram bem à amizade entre nossos dois povos, que em seu tempo sofreu tantas apreensões e veladas ameaças.

O peronismo, em muitos pontos herdeiro do rosismo, representa na Argentina a exploração demagógica do lado selvagem e infantil do sentimento popular, exploração possível em qualquer povo, por mais civilizado que êle seja. A luta pela hegemonia no Continente é de um primarismo grosseiro, porque a sabedoria de duas nações de problemas idênticos e aspirações gêmeas está em uma união estreita contra tôdas as forças que impedem ou atrasam seu desenvolvimento.

Sentimos essa compreensão nos melhores espíritos da Argentina, e, entre êles, no Presidente Frondizi. Não como fórmula diplomática banal, mas como um sentimento vivo e profundo. Lá e aqui êsse sentimento é um índice de maturidade de nossos dois povos contra o atraso que permite o êxito mais fácil de aventureiros do tipo Juan Perón.

Escrevo no dia em que a Argentina completa 150 anos de Independência; fiquem aqui nossos votos sinceros para que o grande país supere com rapidez a crise que está enfrentando e rompa em frente com decisão para suas largas caminhadas históricas; e nos tenha sempre a seu lado!